

ZANINE CALDAS



CRIAÇÃO DE MUNDOS

Claude Lévi-Strauss chamava de *bricoleur* aquele que constrói com o que tem à mão, recombinando materiais e sentidos sem as garantias do método científico, numa espécie de "artesanato do provisório", que descreveu em *O pensamento selvagem* (1962). A imagem interessa aqui menos como definição de José Zanine Caldas do que como uma maneira de pensar a própria exposição: aproximar coisas, experiências e conhecimentos que, em princípio, não pertencem ao mesmo campo e observar o que surge desse encontro.

Essa disposição está no centro da atuação do Instituto Tomie Ohtake. Desde sua criação, o Instituto constrói seu programa a partir do diálogo entre diferentes linguagens e áreas do conhecimento, aproximando arte, arquitetura, design, educação e pesquisa. Interessa acompanhar processos que escapam às classificações mais estáveis e reconhecer, na produção artística, um campo de experimentação capaz de produzir outras formas de olhar e compreender o mundo.

A obra de Zanine encontra nesse contexto uma afinidade particular. Sua produção atravessa diversos campos sem se acomodar inteiramente em nenhum deles. Mais do que um conjunto de objetos e edifícios, constitui uma maneira de pensar por meio da prática: observar, testar, deslocar, construir e aprender com aquilo e com quem está ao redor. Apresentá-la no Instituto Tomie Ohtake significa, portanto, ampliar uma conversa que já faz parte de sua história.

A escolha da Casa-ateliê Tomie Ohtake para receber a exposição *Zanine Caldas – Criação de mundos* acrescenta outra camada a essa experiência. A casa foi, durante décadas, o lugar onde Tomie desenvolveu seu trabalho, recebeu interlocutores, acompanhou processos e fez da convivência um elemento de sua prática. Sua preservação como parte do Instituto mantém viva essa dimensão do fazer artístico como atividade cotidiana, construída no tempo e em relação com outras pessoas.

A presença de Zanine nesse espaço é significativa não apenas porque sua obra estabelece relações com arquitetura e design, mas porque sua trajetória foi marcada pela circulação entre saberes e pela aprendizagem direta. A Casa-ateliê, por sua vez, permite que a exposição aconteça dentro de um lugar que conserva as marcas de uma prática artística e de uma vida dedicada ao trabalho.

A aproximação entre Zanine e Tomie não pretende estabelecer equivalências entre suas obras. O que se coloca em relação são maneiras de construir conhecimento a partir da experiência, da curiosidade e da abertura ao que ainda não está definido. São percursos diferentes que encontram, na Casa-ateliê, um espaço comum para serem vistos lado a lado.

Ao acolher esta exposição, o Instituto reafirma a Casa-ateliê como um lugar de diálogos e aprendizado. Um lugar onde obras de diferentes tempos podem encontrar novas perguntas, onde os limites entre disciplinas podem ser atravessados e onde a memória de um espaço de trabalho continua produzindo encontros. É nesse movimento que a presença de Zanine ganha sentido: não como uma conclusão sobre sua obra, mas como mais uma possibilidade de ativar a casa e aquilo que ela representa para o Instituto.

Para que esse movimento seja possível, é indispensável celebrar a aproximação com o Instituto José Zanine Caldas. Ao dedicar-se à preservação e estruturação do legado do arquiteto, a instituição se afirma não apenas como guardiã de sua memória, mas como um núcleo ativo de difusão de sua obra. A aproximação entre os dois institutos extrapola a realização desta exposição para selar uma responsabilidade comum: a de zelar pela história de artistas e pensadores de nossa cultura. É nesse esforço conjunto de salvaguardar e ativar acervos que asseguramos que o conhecimento forjado por Zanine permaneça em diálogo com as novas gerações.

Agradecemos ao Ministério da Cultura, que, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), viabilizou a exposição *Zanine Caldas – Criação de mundos*. A mostra é uma realização do Instituto Tomie Ohtake em parceria com o Instituto José Zanine Caldas e conta com o patrocínio do Nubank, nosso mantenedor institucional, além do apoio da galeria Diletante, da dpot e da ETEL.

Instituto Tomie Ohtake

José Zanine Caldas. *Sem título*, c. 1970. Rio de Janeiro (RJ). Coleção Instituto José Zanine Caldas



CAPA

José Zanine Caldas. *Sem título*, c. 1990. Angra dos Reis, Rio de Janeiro (RJ) Coleção Instituto José Zanine Caldas

José Zanine Caldas. *Sem título*, c. 1980. Rio de Janeiro (RJ) Coleção Instituto José Zanine Caldas



André Nazareth. *Casa da Cuca*, 2018. Coleção André Nazareth

ENTRE ÁRVORES, ROCHAS E MARES, AS COMPOSIÇÕES DE ZANINE

A obra de José Zanine Caldas (1919–2001) manifesta uma postura de permanente reconciliação entre o habitar humano e o meio ambiente. Em sua trajetória, o ato de construir móveis ou erguer casas nunca esteve separado da intimidade com a matéria e da escuta atenta do território. Arquiteto autodidata, maquetista e mestre dos processos construtivos, Zanine recusou as fronteiras rígidas entre arte, arquitetura, design e artesania, atuando como um observador generoso, capaz de aprender tanto com as metodologias modernas quanto com os mestres dos saberes tradicionais. Do rigor das maquetes ao pioneirismo dos móveis-denúncia e da arquitetura do reúso, o arquiteto transformou sua prática em um campo de resistência cultural e ambiental, demonstrando que a invenção formal e a preservação do meio ambiente são dimensões indissociáveis do mesmo gesto.

Antecipando em décadas os debates contemporâneos sobre sustentabilidade e crise climática, a prática de Zanine constituiu uma ecologia radical. Muito antes de o tema ganhar a urgência atual, o arquiteto já resgatava resíduos que seriam incinerados pela indústria madeireira e com eles esculpia mobiliários como forma de arte e de denúncia; e também incorporava em seus projetos pedras, vidros, telhas e estruturas metálicas descartadas das demolições do Centro do Rio de Janeiro. Ao implantar suas casas no Morro da Joatinga a partir desses materiais recuperados, Zanine provou que o rigor inventivo e a regeneração ambiental poderiam caminhar juntos, e assim projetava novos horizontes. Para ele, o verdadeiro habitar implica internalizar a paisagem, erguer estruturas em simbiose com as florestas e abrir espaço para a coexistência entre as memórias do território e do cotidiano.

A exposição *Zanine Caldas – Criação de mundos* aproxima-se do cosmo criativo desse mestre e se desenvolve através de quatro núcleos interdependentes que revelam como seus universos foram gestados: Raiz, Tronco, Horizonte e Abrigo. Da criação de arranjos com plantas secas do Cerrado às maquetes de arquitetos modernos, dos registros fotográficos de viagens e do cotidiano à troca contínua de conhecimentos – tanto com nomes consagrados da cena cultural brasileira quanto com os mestres da madeira e com estudantes –, dos desenhos coloridos em papéis milimetrados às decisões definitivas na obra, Zanine mostrou sua inquietude e desejo por novos modos de viver. Ao longo desse percurso, manifesta-se o compromisso político e poético do arquiteto. Mais do que desenhar formas, Zanine propôs um modo ético de habitar o mundo, em que a matéria e a imaginação se fundem para dar resposta aos dilemas do seu tempo e da realidade brasileira. Por isso, afirma que "devemos trazer a floresta para dentro da casa, virar raízes de árvores mortas para o teto, conviver com todos os animais reais e imaginários, como a Cobra Grande amazônica, governar a nós mesmos para entender melhor a vida, fazer a cabeça do nosso país. Precisamos crescer para estar à altura da natureza do Brasil".

Acolher esse universo na Casa-ateliê Tomie Ohtake fortalece os sentidos da exposição. Lugar imaginado para a investigação contínua e para o encontro entre distintas linguagens visuais, o espaço estimula confluências entre arquitetura e design, celebrando a arte como um território de invenções, experimentações e fundação de novos mundos.

Sabrina Fontenele
Curadora

A MANEIRA DE ZANINE DE TRANSMITIR: O USO DAS MÃOS E O PRAZER DE FAZER

Amanda Beatriz Palma de Carvalho



José Zanine Caldas. *Sem título*, c. 1970. Nova Viçosa (BA). Coleção Instituto José Zanine Caldas

A trajetória de José Zanine Caldas (1919–2001) constitui um campo de investigação singular para a história e a teoria da arquitetura e do design, destacando-se por sua atuação autodidata[1] e pela permanente articulação entre o saber prático do canteiro, a pesquisa material e uma profunda sensibilidade humana. Para entender a formação peculiar de Zanine, resgatamos o pensamento do educador Paulo Freire, que nos dizia que

> Ensinar inexiste sem aprender, e vice-versa. E foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que, ao longo dos tempos, mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar (Freire, 2016, p. 25).

A frase destacada acima também nos remete a outra atividade de Zanine: a de professor. A análise de seu percurso pedagógico, marcado pela docência em instituições de ensino superior no Brasil, na França e na Suíça,[2] permite colocar em perspectiva a sua forma de adquirir e transmitir conhecimento. A filosofia de ensino-aprendizagem e a metodologia de trabalho desenvolvidas por Zanine oferecem uma contribuição viva e complementar às faculdades tradicionais de arquitetura e design. Em um cenário contemporâneo atravessado pela rápida digitalização, pelo uso intensivo de inteligência artificial e pela transformação das estruturas de trabalho, o resgate de uma formação pautada pelo fazer e pela interdisciplinaridade amplia os questionamentos e as respostas possíveis para os desafios de projeto.

Para Zanine, era importante o "desfrute" da vida e o entendimento de que a arquitetura deve existir para apoiar e qualificar o cotidiano. O "arquitetar", de acordo com ele, é uma vocação inerente ao ser humano, cujo objetivo fundamental reside em criar condições para aproveitar plenamente a vida.

Distanciando-se dos preceitos do período moderno nas áreas de arquitetura e de design, que priorizavam soluções padronizadas, Zanine investigava profundamente os materiais existentes na região, o saber-fazer local e, no caso de projeto arquitetônico, a arquitetura do lugar. Essa perspectiva encontra ressonância no pensamento de autores como o arquiteto e educador finlandês Juhani Pallasmaa, para quem o conhecimento existencial fundamental é corporificado, ocorrendo através das sensações e da apreensão física do espaço.

Esse aspecto sensorial traduz-se na defesa de uma "pedagogia do fazer", em oposição ao uso estrito das duas dimensões do papel, de *softwares* de modelagem 3D e à excessiva valorização do conhecimento conceitual em detrimento da sabedoria prática. Para Zanine, a maquete e o protótipo tridimensional, construídos preferencialmente com os materiais reais da obra, chegando em detalhes na escala 1:1, não são meros recursos representativos, mas ferramentas essenciais de investigação e projeto.

Historicamente, conforme pontua Luiz Antônio Cunha, o Brasil herdou da estrutura escravocrata um preconceito em relação ao trabalho manual, separando as "artes mecânicas" – consideradas inferiores – das ocupações liberais e abstratas vinculadas às belas-artes. Zanine contrapunha-se a essa herança ao propor o fazer com as mãos em suas obras.

Os conceitos apresentados pelo antropólogo e professor Tim Ingold, em seu livro *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture* (2013), e pelo arquiteto e professor francês Patrice Doat, em entrevista a esta pesquisadora (2018), mostram que o ato de trabalhar com as mãos ativa processos cognitivos específicos, gerando novas ideias e soluções construtivas indissociáveis da prática. Projetar e construir revelam-se, assim, como dimensões integradas, permitindo que o profissional se apropriе criticamente dos materiais e dos processos de fabricação.

A relação com a cultura construtiva e o compromisso social representam outro pilar da atuação de Zanine, opondo-se à uniformização internacional promovida pela importação descontextualizada de tecnologia. Para ele, as edificações tradicionais vernaculares – observadas em suas viagens pelo Brasil, África, Ásia e Europa do Norte – contêm soluções valiosas de adequação ao clima, devendo ser estudadas e aprimoradas coletivamente. Essa convicção motivou uma mudança de rumo em sua carreira no final da década de 1950, quando deixou a produção industrial da fábrica Móveis Artísticos Z para focar no aproveitamento da mão de obra local e no uso consciente da madeira disponível. Esse modelo atingiu maturação no Centro de Desenvolvimento das Aplicações das Madeiras do Brasil (Fundação DAM), posteriormente vinculado à Universidade de Brasília, onde Zanine atuou como professor-pesquisador em projetos de pesquisa e extensão que desenvolveram soluções moduladas de taipa, pedra ou madeira para habitações populares.

O pensamento ecológico de Zanine perpassa toda a sua produção e fundamenta-se na recusa contínua do desperdício. Essa consciência acompanhou diferentes fases de sua trajetória: a otimização no corte de chapas de compensado nos anos 1940; a reutilização de materiais de demolição de antigos casarões cariocas na construção das casas da Joatinga nos anos 1960 – aliada a soluções de iluminação e ventilação naturais por efeito chaminé e captação de água da chuva –; e a criação de móveis em Nova Viçosa utilizando a sucata do desmatamento, como raízes e troncos queimados, cujas formas originais eram preservadas para denunciar a destruição das florestas nativas. Na Fundação DAM, esse posicionamento consolidou-se na ideia de que a valorização e a pesquisa aplicada sobre a madeira brasileira constituem a melhor estratégia para manter a mata em pé, conferindo-lhe maior valor social e econômico do que a sua devastação para a abertura de pastagens.

Por fim, a sintonia entre a postura de Zanine e a cultura construtiva francesa evidenciou a relevância internacional de seu método. O reconhecimento recebido na França permitiu-lhe aprofundar suas pesquisas e contribuir para os debates sobre a formação experimental em arquitetura, influenciando iniciativas pedagógicas como os Grands Ateliers de Villefontaine.

Estudar o legado de Zanine reafirma a importância de repensar a formação em arquitetura e design, revalorizando o papel do saber-fazer, do conhecimento da técnica, da sensibilidade ambiental e do compromisso de transformar o habitar e torná-lo acessível, para que todos possam viver com beleza e plenitude.

1 O termo grego *autodidaktos* não se refere a quem estuda no isolamento, mas sim a quem sabe guiar a própria formação – o que inclui aprender com os outros e ao lado deles, fora do ensino formal. Assim, o autodidata é o mestre de si mesmo.

2 Zanine lecionou na Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade de São Paulo; na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília; na École Polytechnique Fédérale de Lausanne; na École d'Architecture Paris-Tolbiac; na École d'Architecture de Grenoble; e na École Supérieure d'Art et Design de Saint-Étienne.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Amanda Beatriz Palma de. *Diálogos Brasil-França*: o saber prático e o pensamento projetivo de José Zanine Caldas. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2025.

CUNHA, Luiz Antônio. *O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

INGOLD, Tim. *Making*: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture. New York: Routledge, 2013.

PALLASMAA, Juhani. *As mãos inteligentes*. Porto Alegre: Bookman, 2013.



Construção de casa desenhada por José Zanine Caldas a partir de projeto da Fundação DAM – parte da exposição no MAM Rio, c. 1980. Coleção Rita Tristão. Foto: Autoria desconhecida

ZANINE: BRASILEIRO DE RAIZ

Maria Cecilia Loschiavo dos Santos

Lá se vão quase cinquenta anos desde meu primeiro encontro com José Zanine Caldas! Foi no Rio de Janeiro, em seu escritório na Rua Maria Luiza Pitanga, no bairro da Joatinga. Um espaço recheado de papéis, projetos e muitas maquetes, sobrepostas umas às outras em um grande saco no canto da sala.

Vieram, então, muitas idas e vindas do aeroporto Santos Dumont até a Joatinga, numa Belina amarela, em meio a sementes, raízes e jornais. E vieram, sobretudo, conversas intermináveis, que logo se transformaram em uma amizade perene, mais tarde estendida aos filhos e netos.

O escritório era uma verdadeira *Wunderkammer* – um gabinete de curiosidades –, onde aquele designer-arquiteto multitalentoso reunia sua produção e materiais provenientes das mais diversas fontes. Mais do que um lugar de trabalho, era um espaço de ideias, materiais e memórias.

Filho do médico Euclides Zanine Caldas, José Zanine Caldas (1919–2001) nasceu em Belmonte, na Bahia, cidade onde encontrou território fértil para conhecer processos construtivos vernaculares, descobrir as possibilidades dos materiais naturais e, principalmente, alimentar a imaginação que marcaria seu trabalho.

Ainda criança, desenvolveu um olhar apurado para tudo o que o cercava. O trabalho dos canoeiros e dos artesãos da madeira despertava nele especial interesse. Sobre eles, Zanine falava com fascinação.

Essa cultura vernacular seria posteriormente refinada pelo diálogo e pelo trabalho sistemático com intelectuais, artistas e alguns dos grandes criadores da arquitetura e da cultura moderna brasileira. Entre tantos outros, trabalhou com Alcides da Rocha Miranda, Aldemir Martins, Darcy Ribeiro, Francisco Rebolo Gonsales, Frans Krajcberg, Ícaro de Castro Melo, João Batista Vilanova Artigas, Joaquim Cardozo, Joaquim Tenreiro, Jorge Moreira, Mario Cravo, Oswaldo Bratke, Lucio Costa, Luis Saia, Oscar Niemeyer, Rino Levi e Sergio Rodrigues. Com Lina Bo Bardi, entre as décadas de 1940 e 1950, manteve intenso diálogo em torno de um interesse comum: a madeira compensada.

A partir dessas experiências, sua produção se sofisticou e ganhou repercussão mundial, atravessando diferentes campos: arquitetura, design, paisagismo, jardinagem, fotografia, produção de maquetes, proteção ambiental e, sobretudo, educação.

Zanine adorava estar entre os jovens, talvez porque neles reconhecesse a possibilidade permanente da descoberta, da experimentação e da transformação. Como tão bem definiu Antonio Candido, era o tempo do "mundo coberto de moços".

Zanine é brasileiro de raiz. Teve a coragem de assumir pensamento e comportamento radicais. Mas esse profundo enraizamento em suas heranças e ancestralidades jamais significou permanecer preso a fronteiras. Ao contrário: Zanine atravessou mares, realizou centenas de viagens e encontros, ministrou cursos e expôs suas obras nos principais museus do mundo.

E hoje está aqui, na Casa-ateliê Tomie Ohtake.

Que honra a minha retornar a esta casa-museu, onde estive anos atrás, a convite de Ruy, Ricardo e Tomie. É infinita a alegria de presenciar a potência do trabalho de Rodrigo Ohtake e Zanini de Zanine juntos, multiplicando as conquistas do design brasileiro.

Dono de uma trajetória longeva, produtiva e influente em todas as áreas em que atuou, José Zanine Caldas construiu uma obra hoje reconhecida mundialmente. Mas, para mim, sua história permanece também nas lembranças de nossas longas conversas. Zanine falava sobre seus caminhos, sobre o que aprendera e o que realizara, sobre o amor e o desfrute. Falava também dos impactos dos patrulhamentos que se impuseram ao longo de sua carreira. Resumia essa experiência em uma frase: "o que fiz e o que não me deixaram fazer".

E sempre me dizia: "Você vai divulgar meu trabalho, e fala com a Cuca!".

Quase cinquenta anos depois daquele primeiro encontro na Joatinga, entre maquetes, sementes, raízes, jornais e conversas intermináveis, é isso que hoje faço, com imensa emoção.

Viva Zanine!

RAIZ

A obra de José Zanine Caldas nasceu de uma postura de permanente atenção ao mundo. Na exposição, este núcleo revela as paisagens, os encontros e as percepções que nutriram seu universo criativo: dos delicados arranjos com a flora do Cerrado aos registros fotográficos de seu cotidiano, passando pelas viagens por diversos continentes e pelas trocas com amigos, familiares, clientes e colegas de trabalho. Formado longe da academia, Zanine teve o território, o fazer e a convivência como suas principais fontes de aprendizado. Seu olhar generoso aproximou, sem hierarquias, os grandes nomes da arquitetura moderna aos saberes dos artesãos e mestres populares da madeira. Nas diversas regiões onde morou e atuou, Zanine construiu um repertório visual e tecnológico que fundamentou sua produção. Compreender a raiz do seu pensamento é entrever a gênese de uma prática que recusou moldes preestabelecidos e colocou o respeito à vida, à memória e à paisagem no centro de toda criação.

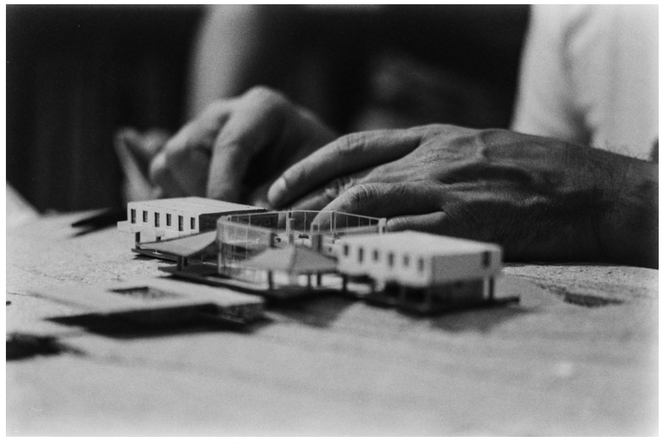


José Medeiros. *Sem título*, c. 1960.
Morro da Joatinga, Rio de Janeiro (RJ). Coleção Déa Zanine

TRONCO

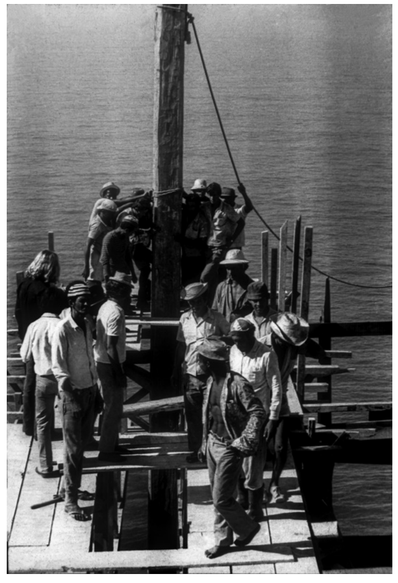
Este núcleo expositivo mapeia a trajetória de José Zanine Caldas a partir do aprendizado sobre o uso da madeira. Sua habilidade e inteligência construtiva revelam-se desde a fundação da Maquete Studio, no Rio de Janeiro, que funcionou de 1942 a 1954, consolidando seu papel central junto aos nomes consagrados da arquitetura moderna. Essa busca por eficiência e inovação desdobra-se entre 1947 e 1949, período em que Zanine pesquisou a produção de móveis desmontáveis e de baixo custo, com protótipos aplicados na fábrica Móveis Artísticos Z, em São José dos Campos, São Paulo. Essa fase pioneira no desenho industrializado priorizava o acesso da classe média e a funcionalidade, dialogando com o morar urbano.

Contudo, é no confronto direto com a devastação florestal que sua produção atinge um caráter ético radical. Em 1968, ele iniciou a criação dos móveis-denúncia em Nova Viçosa, no litoral da Bahia. Indignado com a queima e o descarte de madeira maciça pela indústria, Zanine passou a esculpir, juntamente com os carpinteiros baianos, peças monumentais e brutas a partir de resíduos que seriam incinerados. Preservando a anatomia e as marcas da matéria orgânica, essas obras transformam a tora em um manifesto vivo contra a destruição ambiental, unindo o design, a escultura e a arquitetura em um só gesto de resistência.



José Zanine Caldas. *Sem título*, c. 1980.
Brasília (DF). Coleção Instituto José Zanine Caldas

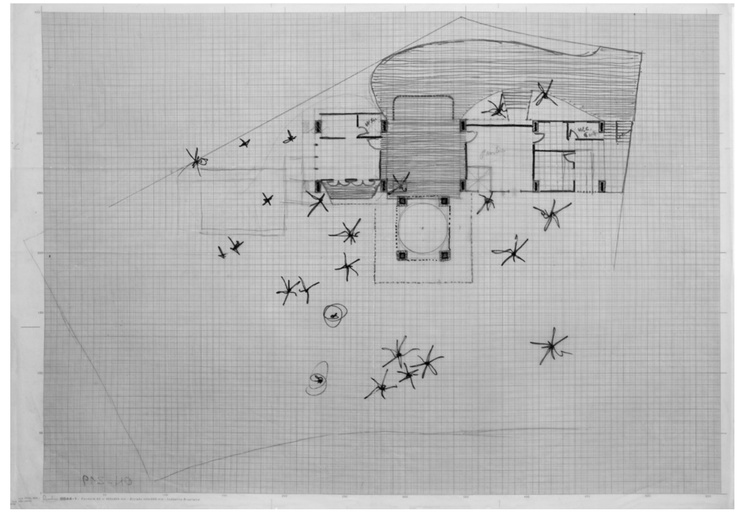
José Zanine Caldas. *Sem título*, c. 1970. Morro da Joatinga, Rio de Janeiro (RJ). Coleção Instituto José Zanine Caldas



HORIZONTE

O legado de José Zanine Caldas, muito além das edificações, se projeta como uma pedagogia viva da transformação. Neste núcleo expositivo, revelam-se as intervenções que reconfiguraram o território e a transmissão do saber. Da escala urbana das encostas do Morro da Joatinga ao plano utópico de Nova Viçosa, sua prática articulou ecologia, comunitariedade e regeneração. Mais do que projetar, Zanine combateu o colonialismo cultural por meio do ensino. Sua ação pedagógica – como construtor e articulador – manifestou-se na fundação do laboratório de maquetes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1950–1951), na atuação na Universidade de Brasília e na criação do Centro de Desenvolvimento das Aplicações das Madeiras do Brasil (Fundação DAM). Sua docência expandiu-se internacionalmente em instituições como o Laboratório de Construções em Madeira da École Polytechnique Fédérale, de Lausanne, a École d'Architecture de Grenoble, na Suíça, e a École Supérieure d'Art et Design de Saint-Étienne, na França. Apresentando fotografias, projetos, correspondências e protótipos, este núcleo expõe um compromisso ético contínuo: o de aprender com os saberes populares para ensinar sobre o uso consciente da terra, apontando caminhos emancipatórios para o futuro.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE ZANINE CALDAS – CRIAÇÃO DE MUNDOS SETEMBRO DE 2026



José Zanine Caldas. *Casa Mauro Joppert*, s.d. Coleção Instituto José Zanine Caldas

ABRIGO

Com cerca de quinhentas casas projetadas dentro e fora do país, a arquitetura residencial de José Zanine Caldas expressa uma busca constante por soluções adaptadas ao clima, à topografia e ao bem-estar dos moradores. Essa produção encontra um marco em 1968, no Morro da Joatinga, no Rio de Janeiro, onde o projetista ergueu habitações que se amoldavam às encostas íngremes e reaproveitavam, de forma pioneira, materiais descartados pelas demolições do centro da cidade. A partir de 1970, em Nova Viçosa, Bahia, Zanine levou essa prática a um novo patamar ao criar o sistema das estruturas "pré-elaboradas". Projetadas em módulos regulares, as casas tinham suas peças cortadas, numeradas e montadas sobre uma malha reticulada no piso da própria oficina, adaptando o processo construtivo à linguagem de artesãos e canoeiros. Depois, as estruturas eram numeradas com marcações em ferro quente, desmontadas e transportadas em caminhões para diversos estados do país. No destino, eram reerguidas sobre pilares isolados de concreto, mantendo a madeira suspensa para protegê-la da umidade do solo.

A seleção reunida neste núcleo da exposição abarca desde protótipos de habitação de interesse social para áreas de enchente no Nordeste até residências em madeira e vidro integradas à paisagem. Seus croquis originais, representados sempre em papéis milimetrados com traços coloridos, demonstram seu cuidado com o terreno e as possibilidades de criar espaços amplos e acolhedores. Os projetos executivos, as maquetes e as fotografias de casas selecionadas refletem não apenas a etapa de idealização, mas também a construção, a transformação e a conservação dos edifícios ao longo das décadas. Com soluções construtivas e espaciais diversas, Zanine demonstrou como a arquitetura residencial pode aliar o respeito ao clima e aos materiais à criação de espaços de acolhimento em harmonia com o meio ambiente.



André Nazareth. *Casa Leite Barbosa – Morro da Joatinga, Rio de Janeiro (RJ)*, 2018. Coleção André Nazareth



André Nazareth. *Casa da Cuca – Morro da Joatinga, Rio de Janeiro (RJ)*, 2018. Coleção André Nazareth



Rafaela Netto. *Casa Hélio Olga – São Paulo (SP)*, 2017.
Coleção Rafaela Netto



André Nazareth. *Casa Bettiol – Brasília (DF)*, 2019.
Coleção André Nazareth



André Nazareth. *Casa Antônio Cruz – Morro da Joatinga, Rio de Janeiro (RJ)*, 2018. Coleção André Nazareth

PROGRAMAÇÃO PÚBLICA

VISITA MEDIADA
TODOS OS SÁBADOS E DOMINGOS DA EXPOSIÇÃO
11H E 15H
CASA-ATELIÊ TOMIE OHTAKE

19.SET
SÁBADO

15H
ENTRE A TÉCNICA E A INVENÇÃO
CONVERSA

26.SET
SÁBADO

15H
MATÉRIA VIVA: ENTRE A ARTE E A ARQUITETURA
CONVERSA

24.OUT
SÁBADO

11H
OFICINA COM O EDUCATIVO

15H
PROJETAR MUNDOS, CRIAR MUNDOS
CONVERSA

7.NOV
SÁBADO

15H
ZANINE NA ESCALA DO CONTEMPORÂNEO
CONVERSA DE ENCERRAMENTO

ZANINE CALDAS
CRIAÇÃO DE MUNDOS

Realização
Instituto Tomie Ohtake
Instituto José Zanine Caldas

Apoio
Diletante
dpot
ETEL

Curadoria
Sabrina Fontenele

Curadora Assistente
Lahayda Mamani Poma

Pesquisadoras Convidadas
Amanda Beatriz Palma de Carvalho
Maria Cecília Loschiavo dos Santos

Produção
Ana Laura e Silva
André Luiz Bella
Carolina Pasinato
Clara Machado
Letícia Ferraz de Carvalho
Rodolfo Borbel Pitarello
Tamara da Silva Pereira
Victor Ferraz

Coordenação de Montagem
Rodolfo Borbel Pitarello

Projeto Expográfico
Ligia Zilbersztejn
Rian Tito

Design Gráfico
Catê Bloise
Pedro Lemme
Tie Ito
Vitor Cesar

Revisão
Divina Prado
Isabela Maia
Victor Negri

Tradução
Victor Negri

Acessibilidade
Cristina Kenne
Tagarelas Acessibilidade

Coordenação Operacional
Elisa Arruda

Programação Pública
Amanda Sammour
Sabrina Fontenele

Montagem e Assistência
Black Art Handler

Museologia e Laudos
Dulcinéia da Paz
Fernanda Santiago
Hudson Diniz

Cenotecnia
Buriti Brasil
Katiana Aleixo Cenografia

Audiovisual
Maxi

Iluminação
Âmbar Locação e Serviços de Iluminação – Marcos Franja

Impressão e Sinalização
WeGo Print Comunicação Visual

Transporte
Millenium Transportes

Seguro
Howden Brasil

Desenhos Técnicos
Amanda Beatriz Palma de Carvalho
Gisele Chaim
Paula Mendes Thomaz Rimi

Agradecimentos
Amanda Beatriz Palma de Carvalho, André Nazareth, Betty Bettiol, Canto Claro, Déa Zanine, Eunice Barroso, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), Fernanda Magalhães, Flavio Santoro, Gisele Chaim, Gustavo Castro, Hélio Olga, Instituto Moreira Salles, José Zanine Caldas Filho, Lissa Carmona, Luiz Sarmento, Mariana Lorenzi, Marina Schaffter, Otávio Nazareth, Paula Mendes Thomaz Rimi, Rafael Adorjan, Rafaela Netto, Reduzino Vieira, Rodrigo Ohtake e Zanini de Zanine

JORNAL

Coordenação
Instituto Tomie Ohtake

Textos
Amanda Beatriz Palma de Carvalho
Ana Roman
Lahayda Mamani Poma
Maria Cecília Loschiavo dos Santos
Sabrina Fontenele

Projeto Gráfico
Catê Bloise
Pedro Lemme
Tie Ito
Vitor Cesar

Revisão
Divina Prado
Isabela Maia
Victor Negri

Impressão
STGRAF

ISBN
978-65-89342-86-1

O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui publicadas. Caso identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail instituto@instituto tomieohtake.org.br.

Lei Rouanet

MANTENEDOR INSTITUCIONAL

APOIO

APOIO DE MÍDIA

REALIZAÇÃO